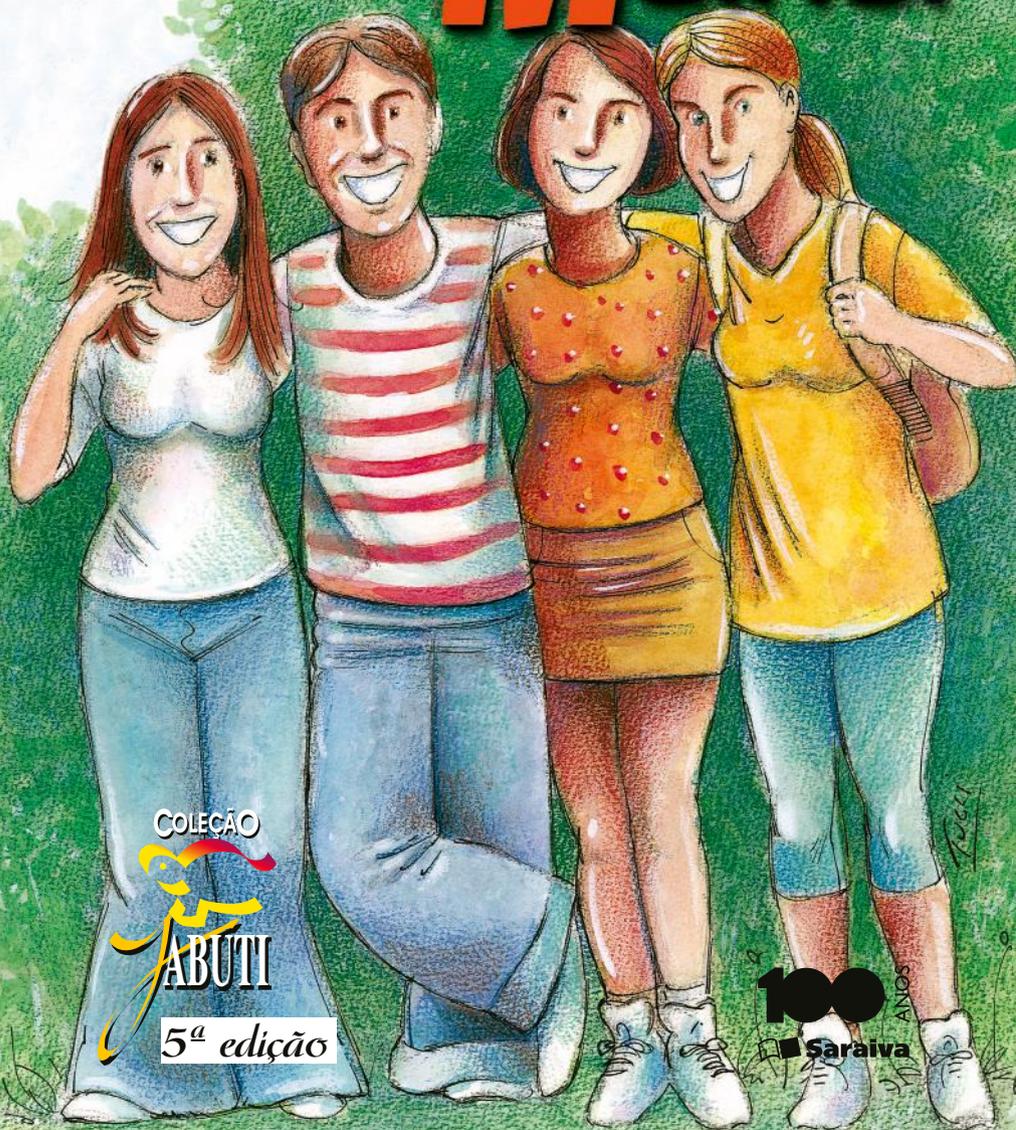


MARIA TEREZA MALDONADO

Ilustrações de Cláudio Tucci

Viver Melhor



COLEÇÃO

ABUTI

5ª edição

100 ANOS
Saraiva

MARIA TEREZA MALDONADO

Ilustrações
CLÁUDIO TUCCI

Viver Melhor



5ª edição
12ª tiragem
2014

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Maria Tereza Maldonado, 1998

Editora: CLAUDIA ABELING-SZABO

Assistente editorial: NAIR HITOMI KAYO

Suplemento de trabalho: DILETA A. DELMANTO F. DE MATOS

Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. E LILIAN SEMENICHIN

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Diagramação: MARCOS ZOLEZI

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maldonado, Maria Tereza

Viver melhor / Maria Tereza Maldonado ; ilustrações
Cláudio Tucci. — São Paulo : Saraiva, 1998. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-02560-8

ISBN 978-85-02-02561-5 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Tucci, Cláudio. II. Título. III.
Série.

98-0037

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

202046.005.012

Para Mariana e Cristiano,
meus filhos,
que tanto me ensinam
com a sabedoria da juventude



O avô de Cláudio é chinês. Chegou ao Brasil com seus pais quando ainda era pequeno e logo começou a trabalhar na lavoura. Dureza, trabalhar desde cedo, nem deu para estudar muito, mal aprendeu a ler e a escrever, mas sabe muito. Diz que estudou nos livros da natureza e que o sol, a terra, o vento e os pássaros foram seus melhores professores.

Cláudio adora conversar com o avô, pois ele é muito paciente e conta as histórias do seu tempo de menino. Teve uma vida sacrificada, casa pequena, pouco dinheiro, mas nunca reclama da vida e nem inveja os outros. Aprendeu a aproveitar o máximo do mínimo que tinha. Por isso, fica chocado quando vê crianças com o quarto entulhado de brinquedos, dizendo que são infelizes e que não têm tudo o que querem.

Sempre que lê notícias sobre a China, o avô de Cláudio recorta e guarda para mostrar ao neto:

— Imagine, Cláudio, um país com mais de um bilhão de habitantes! E se pensarmos que em cada cinco crianças que nascem no mundo uma é chinesa?

— Nossa, vô, eu nunca tinha pensado nisso! Aqui, a gente nem vê tanta gente de olho puxadinho...

— Mas lá é o contrário. Quando aparece alguém sem olho puxadinho o pessoal fica olhando com a maior curiosidade. Tem gente demais na China. Não é à toa que o governo não quer que os pais tenham mais de um filho.

— Ah, é? Como é que pode proibir as pessoas de terem filhos?

— Com um controle rigoroso sobre a natalidade. Quem

tem mais de um filho paga multa e perde muitos benefícios. Mas sabe o que fico pensando? Como crescerão essas crianças sem irmãos, sem primos, sem tios?

As conversas sobre a China são sempre animadas. O avô de Cláudio conta muitas coisas que o deixam curioso. Ele ainda se lembra dos campos de arroz, dos camponeses com chapéu bicudo e cestos pendurados nos ombros, trabalhando duro, sem tratores para ajudar.

Foi com seu avô chinês que Cláudio aprendeu a meditar. Os irmãos o chamam de “zen” e não o entendem quando tenta explicar que a meditação lhe dá alegria, calma e até o ajuda a se concentrar nos estudos. Só não resolve o problema da timidez. Os irmãos acham graça quando Cláudio fica sentado com as pernas cruzadas, a coluna reta, respiração suave, olhos fechados, com cara de quem está longe, muito longe. Fica chateado quando os irmãos dizem que não é normal gente dessa idade meditar, que isso é coisa de velho oriental. Ainda por cima ironizam, dizendo que ele herdou do avô a tal “paciência de chinês”.

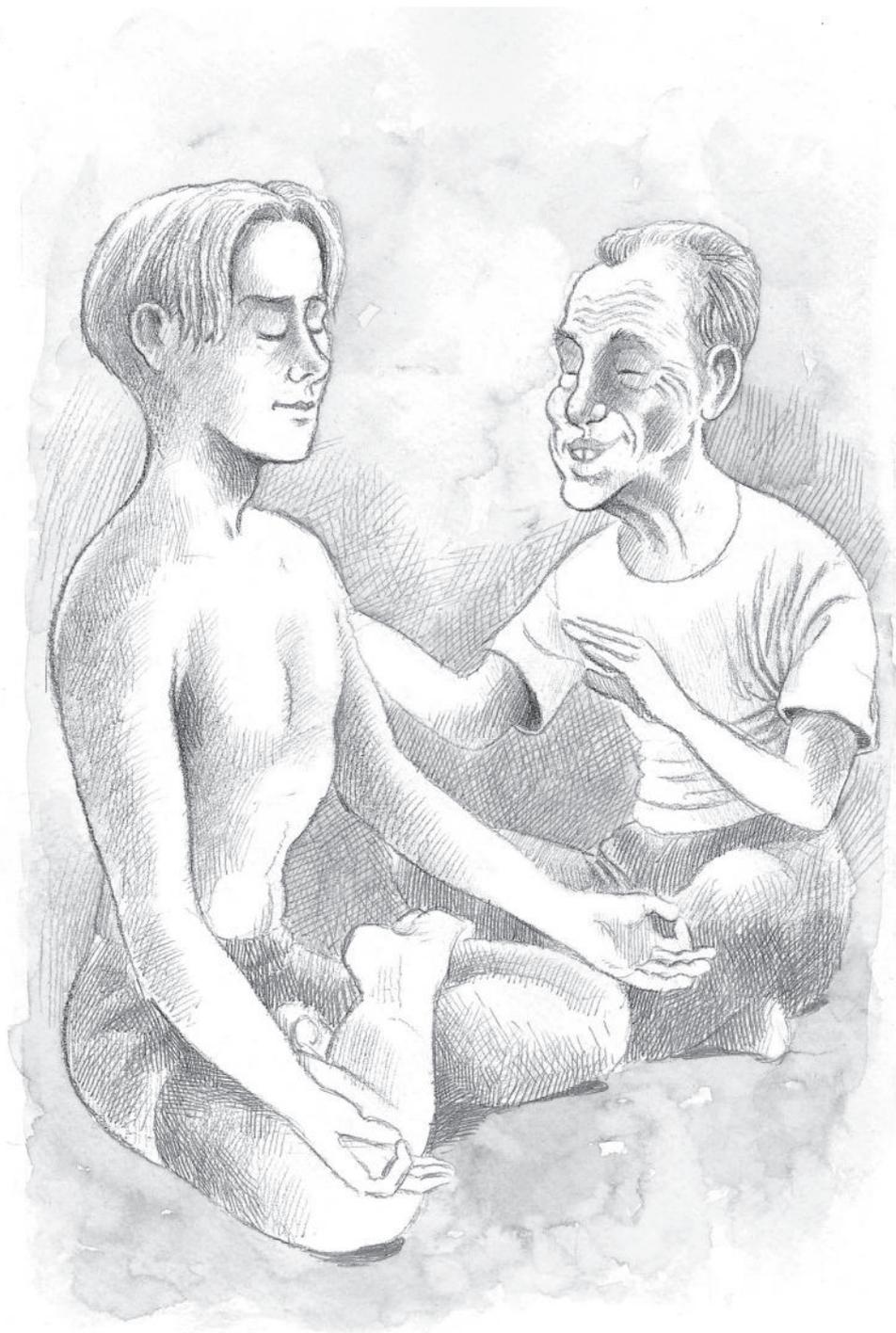
Cláudio acha mesmo que é preciso ter muita paciência para morar num apartamento pequeno, tendo de dividir o quarto com os dois irmãos, tão diferentes dele. Às vezes, sente-se um ser de outro planeta, principalmente quando consegue manter a calma ao ver todo mundo nervosinho, em meio a brigas e implicâncias. Bem que ele tenta melhorar o clima da casa, mas nem sempre consegue, as queixas e as reclamações são muitas, principalmente da mãe:

— Ih, mãe, você está tão agitada, hoje...

— Não é para menos! Tenho mil coisas para fazer. Nem adianta ter empregada; nunca faz o serviço do jeito que a gente quer.

— Com essa mania de limpeza e arrumação vai ser difícil você ficar satisfeita, mãe...

— Que mania de limpeza, menino! O problema aqui em casa é que ninguém colabora.



— Pô, mãe, de mim você não pode se queixar... —
defendeu-se Cláudio.

— É, você é o mais organizado. Pelo menos, tapeia direitinho. Lava os copos só com água, parece que tem preguiça de usar o detergente, coloca a colcha na cama sem esticar o lençol...

— Melhor que meus irmãos. E mil vezes melhor do que o papai — Cláudio tratou de se defender, apesar de ter paciência para escutar os desabafos da mãe.

— Os homens desta casa pensam que cozinhar, limpar e arrumar é trabalho de mulher. Essa bagunça de vocês me desespera. Um monte de copos sujos espalhados pela casa, pratos com restos de comida, toalhas molhadas no chão, isso sem falar nas roupas sujas misturadas com as limpas.

— E aí você sai gritando pela casa o dia inteiro, toda nervosinha. É disso que o papai reclama...

O clima da casa fica insuportável com a mãe gritando e os dois irmãos discutindo. Cláudio dificilmente puxa briga — só com muita provocação que perde a calma e deixa de ser “zen”. Mas quando explode, parece um vulcão: o rosto vermelho, as veias do pescoço saltadas, a vontade de pular em cima do infeliz que provocou aquela raiva toda. Mesmo assim, parece que a timidez também não deixa a raiva se soltar direito. Cláudio não consegue entender porque os irmãos brigam tanto. Parece que um espalha o combustível, o outro acende o fósforo e é aquele fogaréu! Acha engraçado ver os dois marmanjões, mais altos do que a mãe, com perna cabeluda e barba na cara, se atracando como dois guris brincando de brigar. Incrível ver os dois sentados no sofá disputando território: Fernando encosta o joelho no Renato, que responde com uma cotovelada de chega pra lá. Pronto. Daí vem palavrão, tapa, grito até aparecer a mãe para acalmar os ânimos. Aí um diz que foi o outro quem começou.

O pior é quando as brigas começam na hora da novela, com todo mundo querendo silêncio. Em apartamento pequeno,